

ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: fronteiras identitárias do Maracatu¹*Regina Coeli Araújo Negreiros²**Dilaine Soares Sampaio³***1 Introdução**

Através do processo histórico conhecido como “diáspora africana”⁴ (GILROY, 2001, p. 22-23), a presença africana na cultura brasileira se mostra através de inúmeros aspectos, sendo a dimensão musical um deles. Nesse âmbito insere-se o maracatu, uma das expressões da musicalidade afro-brasileira que se vincula aos valores e práticas das religiões afro-brasileiras. A bibliografia especializada, seja no universo antropológico, histórico ou das artes, além da tradição oral, aponta para o fato de que a música brasileira se constituiu principalmente a partir da influência dos ritmos e melodias africanas, e que sua presença se dá desde o período da diáspora, apesar da falta de registros oficiais, numa construção amalgamada, profunda, como bem podemos notar recuperando um dos autores pioneiros do campo de estudos afro-brasileiros:

Os negros bantos, na Bahia, introduziram os cucumbis (o auto dos congos), as festas do Imperador do Divino, o louvor a São Bento, etc., já estudados por pesquisadores vários, e – conforme resultado das minhas pesquisas pessoais, - o samba, a capoeira de Angola, o batuque, as festas populares comuns a todo o Recôncavo e mesmo a zona litorânea do Estado. (CARNEIRO, 1981, p.129)

248

¹ Este trabalho faz parte uma pesquisa em andamento intitulada “Maracatus na Paraíba: As Nações, os Batuques e seus espaços sagrados”, que tem como objetivo a construção de uma dissertação de mestrado a ser defendida no PPGCR-UFPB.

² Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba e pesquisadora do grupo de pesquisas Raízes- Grupo de Estudo e Pesquisa sobre religiões mediúnicas (CNPq-UFPB), na linha de Religiões afro-brasileiras: aspectos míticos, rituais e simbólicos; história, discursividades, sincretismos, hibridismos. Contato: reginatrindadenegreiros@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Contato: dicaufpb@gmail.com

⁴ Pode-se encontrar a discussão sobre a definição de diáspora africana em inúmeros autores e dicionários especializados, todavia, tomamos aqui Gilroy (2001) que ressalta a dimensão de violência do processo diaspórico, através da desterritorialização de milhares de africanos durante os quase quatro séculos de escravidão.

Anais**IX Congresso Nacional de Ensino Religioso (CONERE)****I Congresso Latino Americano de Educação e Ciência(s) da(s) Religião(ões) (CLAECIR)**

Natal/RN, 19 a 21 de outubro de 2017

Tal fato ocorre tão claramente, de forma inegável e evidente, que é possível até ao observador mais distraído perceber a forte presença africana na música popular brasileira. Raul Lody (2006) afirma que os terreiros funcionam como produtores e mantenedores da cultura do chamado “mundo afro”, por isso, ele deixa claro que, “é crescente, sem dúvida, o interesse e as questões sobre a presença do sagrado e suas muitas transformações decorrentes das diversas Áfricas aqui fixadas e interpretadas com regionalidade e crescente abraço” (LODY, 2006, p.03).

Os maracatus estão, portanto, intrinsecamente ligados à própria história cultural e religiosa do Brasil, no entanto, a indústria não o mostra culturalmente, a mídia não descerra suas cortinas, o palco, cheio de mavioso espetáculo, torna-se, aos olhos do mundo apenas mais um espetáculo folclorizado ou industrializado nos casos onde a indústria fonográfica o aqueceu, mas, sua magia, seu encantamento real é, não apenas invisível, porém solapado, desprezado em sua própria existência.

Para entendermos tal fato é necessário contextualizarmos o maracatu historicamente demonstrando a relação dos maracatus nação com as religiões afro-brasileiras e como, a partir dele, se propagam os demais maracatus que não são nação, mas trazem consigo toda fundamentação da consagração e das obrigações da nação, apesar de não terem necessariamente a fundamentação religiosa do assentamento. Após esse trajeto de contextualização do maracatu nação, para fechamento do ciclo de pesquisa, realizamos o primeiro mapeamento dos maracatus na Paraíba, diferenciando-os no que tange a ser Nação ou grupo percussivo.

É nesse cenário que se faz de suma importância perceber que os maracatus envolvem uma pluralidade simbólica de significados diversos em sua ritualística que historicamente ressignificou suas práticas e conceitos diante da indústria cultural e dos movimentos da cultura de massas (Cf. LIMA e GUILLEN, 2007), e mesmo na dinamicidade histórica e suas ressignificações, mesmo com a interferência da indústria cultural, os maracatus, ainda nos trazem o cheiro e os sons de um cortejo originário que se reafirma cotidianamente em sua identidade, quer seja nação quer seja batuque, pois o que os maracatus despertam é algo mais para além do que se vê e se ouve, é algo mais que folclore, que dança, que folia... o que o maracatu desperta está além alegria de sentimentos intrínsecos, imanentes no lúdico do homem, porque ele é a história dinâmica dos negros, da sua fé, da sua alegria, de suas dores.

A partir dessa compreensão sobre a importância e a influência da música, da fé e das vivências culturais comuns entre colonizados, colonizadores e escravizados, e da forma como o pesquisador deve olhar para o 'objeto' pesquisado, fugindo do conceito clássico da objetificação, é possível tirar o véu sob os estigmas da escravidão e perceber seu vasto legado cultural, tendo em vista que o conservadorismo nos esconde de forma cruel os retalhos de uma gigante colcha costurada com as dores das chibatas e da ignorância, do suor e do sangue de mais de trezentos anos de escravidão, que sob os escombros da dor, preservaram as relíquias culturais e os encantos da devoção.

Em todo esse contexto dos maracatus, é importante ressaltar que dentre os maracatus, existem as tradicionais nações e os maracatus que não são nação, os chamados grupos percussivos que também tocam o ritmo do maracatu, mas que não trazem em si uma ligação com os terreiros das religiões afro-brasileiras. Segundo os pesquisadores, a não vinculação a um território ou às religiões de terreiro é um dos elementos que diferencia os grupos percussivos dos maracatus nação.

250

A relação dos maracatus-nação com as religiões afro-descendentes, com o xangô ou a jurema, é nodal na definição identitária dos maracatus, e na sua legitimação enquanto manifestação autenticamente popular e afro-descendente, uma vez que o maracatu só é considerado "autêntico" e "legítimo" se for uma nação de xangô. É nesse sentido que muitos grupos criados são considerados para-folclóricos, pois mantêm um batuque e um cortejo real sem nenhuma relação religiosa, ou seja, definem-se apenas como um folguedo de carnaval (LIMA e GUILLEN, 2007, p. 184/185).

Contudo, a compreensão dos maracatus não se limita a essa dimensão religiosa, esse modo de vida que é tão presente nas nações de maracatu. Ela perpassa esse horizonte e se mistura ao cotidiano dos batuques que trazem consigo a significância e as ressignificações de fronteiras borradas também nessas identidades, de forma a propagar o maracatu enquanto gênero musical, enquanto ritmo, enquanto cultura, o que permite que os indivíduos que tenham acesso a estes batuques possam, a partir do aguçamento da curiosidade e de uma mudança de olhar acerca do que seja o maracatu, se iniciar nos mistérios dessa vivência que tem ultrapassado muros e mídias, ensejando uma transnacionalização de tudo o que significa e dando motivos para que as nações se propaguem e que os batuques se reinventem.

Esse cenário tem permitido o surgimento de novos grupos percussivos em todo mundo e na Paraíba essa conjuntura propiciou o surgimento de grupos percussivos ou

Anais

batuques como a Nação Marachyba, Maracastelo, Tambores do Tempo, Maracagrande, Baque Virado da Borborema e Baque Virado Mulher. Outrossim, o surgimento de uma Nação na Paraíba, como é o caso do Nação Pé de Elefante, mostra que os maracatus estão 'em alta' e que sua propagação nos aponta para um caminho diferente daquele traçado por Pereira da Costa e Katarina Real, conforme relata Lima (2007), quando diziam que em breve eles desapareceriam, entretanto, eles não só não desapareceram como se reinventaram e se multiplicaram.

2 Fundamentação teórica

Nosso trabalho se orienta por uma perspectiva antropológica, no âmbito das Ciências das Religiões. A partir desse lugar de fala, nossa fundamentação teórica está ancorada em três universos de leitura. Primeiramente, nos apoiamos na bibliografia específica sobre as religiões afro-brasileiras, desde os clássicos até autores mais recentes, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Mário de Andrade, Roger Bastide, Pierre Verger, Raul Lody e Elvira D'Amorim, etc., que têm sido importantes tanto na recuperação de dados sobre o maracatu quanto para a elaboração do estado da arte da pesquisa. Posteriormente, para contextualizar historicamente o maracatu e tornar essa ligação entre o passado e o presente mais visível, recorreremos aos autores que se ativeram especificamente ao estudo do maracatu, desde os folcloristas até a literatura antropológica sobre o tema como Pereira da Costa, Guerra Peixe, Ivaldo Marciano, Isabel Guillen, Vagner Gonçalves da Silva, dentre outros. Estes são autores que mostram a história dos Maracatus-Nação no complexo universo da globalização, pois é importante situar historicamente, mas é necessário entender os maracatus no período atual atentando para o que já chamou atenção Lima: "pensar a história dos maracatus-nação é estar atento à complexidade do processo de globalização e espetacularização da cultura popular, e de como esse processo se desdobra localmente" (LIMA, 2010, p. 03). Ainda sobre a literatura específica acerca dos maracatus, vale ressaltar que as referências bibliográficas não são tão numerosas quanto talvez desejássemos, o que já foi observado por Sena: "ao estudar o Maracatu (...) a bibliografia é pouca e recente, menor ainda quando se procura um aprofundamento sobre sua origem e as práticas religiosas que o acompanham em suas apresentações" (SENA, 2009, p. 01). Essa ausência demonstra a importância do trabalho que está em andamento. Finalmente, o

terceiro universo de leituras que embasa nossa fundamentação teórica é a literatura antropológica que diz respeito ao fazer etnográfico, ao trabalho de campo, como Roberto Cardoso de Oliveira (2006), Marisa Peirano (1995, 2014), Otávio Velho (2001), dentre outros. A partir dos autores que temos trabalhado, entendemos que a perspectiva etnográfica que orienta o nosso trabalho vê a etnografia não somente como método, mas sim como uma perspectiva teórico-metodológica (Cf. PEIRANO, 2014).

3 Metodologia

A metodologia constitui-se, portanto, no presente trabalho, de duas etapas complementares entre si, sendo a primeira etapa de caráter bibliográfico para fundear o arcabouço teórico que dá suporte às questões históricas sobre a temática, bem como auxiliar a segunda etapa, o trabalho de campo, cuja observação, anotações e registros multimídias diversos são imprescindíveis na complementariedade entre as duas etapas supramencionadas e, de tal forma, para o fechamento da presente pesquisa.

252

Na pesquisa de campo buscamos o Maracatu Nação Pé de Elefante, único Maracatu Nação do estado na atualidade, fundado em maio 2008 e que tem por padrinho o Maracatu Estrela Brilhante de Pernambuco, de quem recebeu o título de Nação, através de sua Consagração. A partir da observação e de entrevistas com os integrantes do maracatu Nação Pé de Elefante e do terreiro Ilê Axé Xangô Agodô, dirigido por Pai Beto de Xangô em João Pessoa – Paraíba foi possível relacionar o maracatu com os rituais de Candomblé e da Jurema Sagrada. A partir de então, saímos do terreiro para conhecer o lado profano dessa história através dos grupos percussivos, dos maracatus não-nação, mapeando-os no estado da Paraíba.

4 Resultados e Discussão

A compreensão dos maracatus passa por sua dimensão religiosa e profana, pois como diz o mestre Fernando Trajano do Nação Pé de Elefante, “o maracatu é uma cabaça com duas bandas, uma sagrada e outra profana¹”, e nesse sentido, não dá para considerar

¹ Entrevista feita com o Mestre do Maracatu Nação Pé de Elefante, Fernando Trajano, em 08/07/2017.

como maracatu apenas as nações, por terem vínculo com o sagrado, pois todos os maracatus trazem consigo algo mais que o som, algo mais que o batuque por serem, para além de um mero folguedo ou grupo folclórico, um modo de vida que tem agregado a si ressignificações ao longo dos anos no que tange aos espaços sagrados, aos laços com a comunidade e aos seus fundamentos que vêm sendo retransmitidos de geração em geração, se moldando, se hibridizando, se ressignificando mas sem perder aquilo que o faz ser em si mesmo um modo de vida que tem transformado vidas, que tem incluído e aproximado pessoas e que, embora venha se recriando, seus elementos constituintes essenciais têm se feito presente. Até o presente momento, temos notado também um certo campo de tensões e controvérsias no que tange ao estatuto dos maracatus e grupos percussivos, de modo que pretendemos problematizar a questão da “nação” e mapear esses lugares de controvérsia, pois não pretendemos tomar como algo dado a questão de um maracatu ser ou não ser de nação, mas percebemos como as categorias se movem na marcação das fronteiras identitárias do universo maracatuzeiro.

253

5 Considerações Finais

Os maracatus, sejam eles nação ou batuque, têm sua importância histórica e social tanto como mantenedor de uma cultura secular que mesmo hibridizada e ressignificada traz consigo a força de uma cultura que não ficou relegada a um passado distante, pois está presente na vida cotidiana dos jovens, sejam eles negros ou não, de religião de matriz africana ou não, pobres ou de classe média. Os jovens redescobriram os alfaias a partir da força do movimento mangubeat que o propagou para fora dos terreiros, borrou suas próprias fronteiras e se reinventou.

Presentes de forma mais contumaz no estado pernambucano, os maracatus se propagaram para fora do seu estado natal e cruzaram as fronteiras territoriais. Na Paraíba o maracatu Nação Pé de Elefante, batizado pelo maracatu Estrela Brilhante de Recife, tem atuado em escolas e comunidades diversas propagando o ritmo e fazendo ecoar os tambores fora do terreiro. Seguindo esse rastro, surgiram na Paraíba seis outros grupos de maracatu não nação, os chamados grupos percussivos, que também vêm realizando esse profícuo trabalho de difusão do maracatu nas comunidades, entre os jovens e adultos de diferentes classes sociais, são eles: Nação Marachyba, Maracastelo, Tambores do Tempo,

Anais

Maracagrande, Baque Virado da Borborema e Baque Virado Mulher. São estas atuações que têm arrebatado pessoas, transformado vidas e aproximado indivíduos de diferentes grupos sociais e religiosos.

Palavras-chave: Maracatu. Nação. Batuques. Candomblé. Paraíba

Referências

CANCLINI, Garcia. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

COSSARD, Gisele Omindarewá. **Awô: o mistério dos orixás**. 2 ed – Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

D'AMORIM, Elvira. **Do lundu ao samba: pelos caminhos do coco**. João Pessoa: Idéia/Arpoador, 2003.

DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu Nação. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/504/>. Acesso em 12 Jan. 2017

254

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade: traços das lutas escravas no Brasil**. 2 ed - São Paulo: Expressão Popular, 2011.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Recife: Irmãos Vitale, 1981.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins (ORG.). **Inventário Cultural dos Maracatus Nação**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatu-nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Bagaço, 2005.

_____, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África: História dos Maracatus Nação do Recife e a espetacularização da Cultura Popular (1960 – 2000)**. Tese de Doutorado Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, maio de 2010.

_____; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Cultura afro-descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós**. Recife: Bagaço, 2007.

LODY, Raul. **O povo de santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos**. 2 ed – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Delumará, 1995.

Anais

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n.42, p.377-391, jul/dez, 2014.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma africana no Brasil: Os iorubas**. São Paulo: Editora Odu-duwa, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: objetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2006.

SENA, José Roberto Feitosa de; STORNI, Maria Otília Teles. **Maracatus rurais do Recife: entre religiosidade urbano-popular e a espetacularização cultural**. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/185/128>>. Acesso em 12 Jan. 2017

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Artes do corpo** – Col. Memória afro-brasileira; v. 2. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

VELHO, Otávio. (1998) "O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?" In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p.233-250.